

Notas comunicativas do Clã Lagarta da etnia Sateré-Mawé/AM sobre a covid-19

Communicative notes by Caterpillar Clan of the Sateré-Mawé/AM indigenous about covid-19

Notas comunicativas del Clan Caterpillar de los Sateré-Mawé/AM sobre el covid-19

Recebido: 27/12/2021 | Revisado: 01/01/2022 | Aceito: 05/01/2022 | Publicado: 09/01/2022

Renan Albuquerque

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3923-9938>
Universidade Federal do Amazonas, Brasil
E-mail: renanalbuquerque@ufam.edu.br

Flávia Busarello

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3384-9305>
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil
E-mail: frbusarello@gmail.com

Sérgio Bairon

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2640-6204>
Universidade de São Paulo, Brasil
E-mail: bairon@usp.br

Ricardo Alexino

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9596-9265>
Universidade de São Paulo, Brasil

Resumo

O texto partiu de diálogo com liderança indígena do povo Sateré-Mawé, da Terra Indígena Andirá-Marau, localizada na Amazônia Central, em meio à primeira e segunda onda de espalhamento do novo coronavírus no Brasil, e em especial nos Estados do Norte do país. O objetivo foi explorar e descrever interpretações dos Sateré-Mawé acerca da pandemia e identificar suas estratégias de enfrentamento ao vírus. O método de abordagem foi qualitativo, com fim descritivo e informacional, considerando o conteúdo interpretativo da narrativa. Foi realizada etnografia continuada, longitudinal, de dois anos, com dialogia proposta a partir de entrevistas semi-estruturadas. Os resultados apontaram a existência de estratégias próprias de mitigação à covid-19 por parte dos Sateré-Mawé do Andirá-Marau, apesar da inoperância do Estado brasileiro, o que tornou clara a autonomia e o poder de decisão desses povos originários amazônicos.

Palavras-chave: Comunicação; Povos indígenas; Covid-19; Amazônia.

Abstract

The text started from a dialogue with the indigenous leader of the Sateré-Mawé people, from the Andirá-Marau Indigenous Land, located in the Central Amazon, amidst the first and second wave of spread of the new coronavirus in Brazil, and especially in the northern states of the country. The objective was to explore and describe the Sateré-Mawé's interpretations of the pandemic and identify their strategies to fight the virus. The approach method was qualitative, with descriptive and informational purpose, considering the narrative's interpretative content. Results showed the existence of specific mitigation strategies to covid-19 by the Sateré-Mawé from Andirá-Marau, despite the ineffectiveness of the Brazilian State, which made clear the autonomy and decision-making power of these native Amazonian peoples.

Keywords: Communication; Indigenous peoples; Covid-19; Amazon.

Resumen

El texto partió de un diálogo con el líder indígena del pueblo Sateré-Mawé, de la Tierra Indígena Andirá-Marau, ubicada en la Amazonía Central, en medio de la primera y segunda ola de propagación del nuevo coronavirus en Brasil, y especialmente en los estados del norte del país. El objetivo era explorar y describir las interpretaciones de Sateré-Mawé sobre la pandemia e identificar sus estrategias para combatir el virus. El método de abordaje fue cualitativo, con finalidad descriptiva e informativa, considerando el contenido interpretativo de la narrativa. Los resultados mostraron la existencia de estrategias específicas de mitigación del covid-19 por parte de Sateré-Mawé de lo Andirá-Marau, a pesar de la ineficacia del Estado brasileño, que dejó en claro la autonomía y el poder de decisión de estos pueblos originarios de la Amazonía.

Palabras clave: Comunicación; Pueblos indígenas; Covid-19; Amazonia.

1. Introdução

O relato parte de experiência de diálogo intermundos, aqui relatada. De um lado, o acadêmico. De outro, o mundo dos saberes ancestrais ameríndios. Os interlocutores acadêmicos, que por quase uma década têm conhecido e ouvido, por inúmeras oportunidades, narrativas étnicas, trabalharam em conjunto para perscrutar relatos e descrevê-los mediante narrativas de um exímio contador de histórias e líder educacional da etnia Sateré-Mawé, Josias Sateré, do clã lagarta (*ut*), que trabalha como professor na comunidade indígena Ponta Alegre, aldeia-polo dos filhos do guaraná, como também são conhecidos os Sateré-Mawé, habitantes da divisa do Amazonas com o Pará, na terra indígena Andirá-Marau.

Esses mesmos pesquisadores, vinculados a três universidades brasileiras (UFAM, PUC-SP e USP), junto com Josias, durante a pandemia da covid-19, permaneceram em contato buscando relatos e interpretações acerca de impactos do SARS-CoV-2 entre os Sateré-Mawé, considerando destacar o ponto de vista dessa etnia acerca da problemática sanitária global. Tratou-se, portanto, de dialogias construídas por cooperação e interpretações da realidade pandêmica, que assolou o mundo amazônico dos indígenas em destaque, assim como se deu de modo planetário.

Dentro da conjuntura de parceria para a democratização de informações, foi proposital a opção por um estilo cambiante, de trocas, interconectivo, buscando o suposto denominado por Spinoza (2013) de “bom encontro”, que em suma significa uma ação democrática de ideias em movimento. Buscamos associar o viés do conhecimento nativo amazônico, dos povos indígenas, ao saber filosófico-comunicacional, interdisciplinar, que engendra os afetos e o comum (Sawaia et al., 2018).

A conversa, pautada pela tentativa de equilíbrio entre ciência contemporânea e saberes ancestrais ameríndios, teve como premissa que a interação de conhecimentos a partir da comunicação ponderada tem sido caminho viável para o trânsito de informações qualificadas na contemporaneidade, durante os desafios pandêmicos e sociais ora enfrentados por povos indígenas amazônicos, igualmente a nações de todo o planeta (Williams et al., 2020).

Interessa pontuar que desde 2012 há trocas de comunicações entre nós, acadêmicos, e a reconhecida liderança Sateré-Mawé, sobre questões relacionadas à cosmologia do Andirá-Marau. Durante os anos de 2020 e 2021, de igual monta, manteve-se efetivo esse trânsito de informações, mas tendo a covid-19 como assunto temático e seus desdobramentos sociais, além de impactos e dimensões humanas inerentes. Os assuntos versaram sobre os acontecimentos na terra indígena (TI) Andirá-Marau, localizada no Baixo Amazonas/AM, Amazônia Central, extremo leste do Estado do Amazonas, e entorno.

O Andirá-Marau é um local de difícil acesso e restrita circulação de pessoas. Por isso, foi meta divulgar os argumentos significativos construídos nesses tempos difíceis, a partir de questões sobre o novo coronavírus e como as cosmopolíticas dos Sateré-Mawé tem enfrentado a doença e seus desdobramentos. Nosso interlocutor, Josias, é filho do *kapi* geral dos Sateré-Mawé, João Sateré, sendo ambos profundos conhecedores de sua sociocultura e não raro mostram-se com interesse em compartilhar saberes e ensinar sobre crenças e valores próprios a eles.

Pela disponibilidade e vontade de ser ouvido, de passar ensinamentos, temos por certo que o professor Josias Sateré, a quem pedimos licença para chamar de colega interlocutor, contribuiu decisivamente para a ampliação dos registros históricos dos Sateré-Mawé em meio ao surto mundial da covid-19 (Sateré et al., 2020).

A ideia de escrever o relato surgiu logo no início da crise epidemiológica mundial, quando ainda em março o mundo parou por causa do vírus. Antes disso, estivemos juntos em dezembro de 2019 e iríamos conversar em 2020 sobre a cosmopolítica espiritual dos Sateré-Mawé, com engendramentos no futuro político da etnia. Porém, em seguida, a pandemia impossibilitou as interações face a face e nos distanciamos, todos. Josias se manteve na TI Andirá-Marau, morando na comunidade Ponta Alegre, e nós nos resguardamos em nossas casas, na urbe, a muitas centenas de quilômetros dali.

Entretanto, por telefone (ligações convencionais e whatsapp), mantivemos contato e, para nós, não tardou a parecer evidente que o diálogo deveria ser expandido e continuado, por meio de tradução cooperada, de mediação dialógica, tendo em

vista informar acerca de como os Sateré-Mawé estavam a enfrentar a grande crise sociosanitária dos últimos cem anos (Albuquerque et al., 2020a). E assim se deu.

Fomos levados a compartilhar dados e verificar rebatimentos no Baixo Amazonas/AM e na Terra Indígena Andirá-Marau, onde boa parte da taxa de infecção foi impulsionada pela mobilidade urbano-rural (Albuquerque et. al., 2020b) e por irregulares manutenções de barreiras sanitárias, quase anulando o efeito de medidas de isolamento e distanciamento social que os tradicionais executaram fortemente de março a junho de 2020 (primeira onda de espalhamento) e depois de novembro de 2020 a janeiro de 2021 (segunda onda).

Nesses dois períodos distintos de coleta e avaliação de dados, e depois ao fim de 2021, após a identificação da variante ômicron no mundo, registramos experiências comunicacionais amplas, importantíssimas, vividas por Josias como membro de clã líder, os *ut*, que lidou diretamente com os adoecimentos e as mortes por causa do SARS-CoV-2 entre a etnia.

2. Enfoque teórico

No diálogo intermundos — entre nós, acadêmicos, e Josias, representante clânico dos *ut* Sateré-Mawé — ficou manifesta de modo objetivo a forte preocupação dos indígenas com implicações do novo coronavírus devido adoecimentos e óbitos de parentes (Albuquerque & Busarello, 2018). Também abordamos a problemática do negacionismo entre eles, concernente a vacinas e às sequelas físicas e psíquicas observadas entre recuperados (Albuquerque et. al., 2020b), tanto porque hoje a Amazônia concentra a absoluta maioria de indígenas brasileiros infectados e sequelados.

Quando destacamos que a comunicação com os Sateré-Mawé fez emergir problemáticas da etnia relacionadas a corpo e mente, os termos que ampararam os pressupostos de entendimento e compreensão dentro das narrativas foram ancorados na teoria dos afetos de Spinoza (2013) e na composição cosmológica de vida dos Sateré-Mawé. Foram duas vertentes distintas em interação e relacionamento: uma clássica, ocidental; outra tradicional, ameríndia.

O filósofo holandês inaugurou um tipo de ontologia em que a ideia de humano não segue pressupostos dualistas. Na visão spinozana não há divisão entre corpo e mente. Para os Sateré-Mawé, na mesma linha de pensamento, construções de hierarquia clânica definem tanto corpo quanto mente, sem uma divisão clara dentro da etnia, ocorrendo na medida em que marcos totêmicos metafísicos representam *ywanias* (famílias) de ordem física e formam um só ente.

Spinoza (2013) afirma que o corpo pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída. Isso quer dizer que a potência varia de intensidade conforme encontros vivenciados em nossa vida, ou seja, conforme afecções que corpo e mente sofrem em bons ou maus encontros experienciados ou ainda por experimentar (Sawaia, 2009). Para o filósofo, o mecanismo de arquivamento das afecções é o próprio corpo, que é memorioso e por isso imbricado à mente.

Para os Sateré-Mawé, no âmbito da mesma perspectiva, encontros que corpos vivenciam, nos seus planos corporais e psíquicos, serão bons ou maus na medida do potencial comunicativo implicado em marcos totêmicos. Albuquerque e Junqueira (2017) e Paiva et al. (2019) trabalharam para explicar essa relação no contexto dos Sateré-Mawé entendendo que, para a etnia, relações de formação humana compõem ou decompõem indivíduos e os movimentam de todos os modos, fazendo-os pensar e agir a partir de suas linhagens clânicas definidas e ainda a partir de suas definições de parentesco.

Com a interação teórica entre Spinoza e a cosmologia Sateré-Mawé, a intenção foi abarcar tanto vicissitudes materiais quanto simbolismos imateriais acerca da covid-19 e ainda seus desdobramentos sociais, correlacionando o pensamento clássico ocidental europeu à ancestralidade cosmológica ameríndia. Como apontamos, são duas realidades históricas em diálogo mentais e corporais.

Também é preciso destacar acerca dessas duas realidades abordadas que os trabalhos de Ailton Krenak (Krenak, 2015) e Davi Kopenawa (Kopenawa & Albert, 2015) são igualmente marcos na trajetória da compreensão da expansão de

corpos que, de forma coletiva e totalmente imbricada com as corporeidades dos animais, das matas, dos rios etc., fazem um chamamento a novas compreensões de mundo. Trata-se, como destacamos, de uma corporeidade que reúne a vida numa só corrente, no interior de uma rede de conexões que no mundo capitalista perdemos em essência (Kopenawa, 1992). Uma corporeidade que não atua como mercadoria, ou simplesmente como o habitat da subjetividade, mas como um mundo que produz sem capitalizar e uma subjetividade que se complementa, sempre, na noção de coletividade.

3. Metodologia

Foi realizado estudo qualitativo, por etnografia continuada, longitudinal, de dois anos, com dialogia proposta a partir de entrevistas semi-estruturadas. A pesquisa foi feita mediante vivência imersiva de Josias Sateré, ora por nós descrita em razão de narrativas fidedignas, coletadas no campo, sobre as situações vivenciadas, guiadas pelo viés da formação da comunidade e dos modos de vida (Albuquerque & Busarello, 2019).

Foi utilizada ação de *rapport*, técnica que consiste em criar relação de empatia e troca com a pessoa entrevistada. A familiarização teve como meta aprofundar a colaboração para a temática abordada. Também nos ajudou o saber contextualizado em razão de outras pessoas da comunidade, o que foi mediado por Josias. Com o aporte, foi possível realizar leitura crítica sobre o material coletado (Albuquerque et al., 2020b).

Agimos no sentido de organizar dados, buscar variáveis e notar complexidades correlacionais. A ação ocorreu dentro de um processo de organização de informações, via aprofundamento de conteúdo com similaridades, buscando padrões de emersão objetiva e subjetiva (Albuquerque et al., 2021). No processo, foi se sobressaindo com muita autonomia a voz da liderança de Josias. Assim, notamos a importância de suas lutas no conjunto de histórias e avanços vividos em meio à pandemia (Albuquerque, 2020).

4. Resultados e Discussão

4.1 Informação e prevenção

A partir dos dados perscrutados com Josias em 2020 e 2021, por meio de ligações e mensagens de whatsapp uma ou duas vezes por semana, desde o terceiro mês de 2020, registramos os meses de isolamento e cuidado familiar, além dos períodos de reabertura e afrouxamento de normas sanitárias, com foco ainda para avaliar a desinformação, a contrainformação e os engendramentos problemáticos da guerra de narrativas (*fake news*), de amplo viés anti-indígena, que tem concorrido para gerar grandes controvérsias e sofrimentos psicossociais na TI Andirá-Marau.

Devido às *fake news*, inclusive, notamos que boa parte da crise inerente à peste viral foi referente ao memoricídio latente desde o início da pandemia, a partir da agnotologia, que foi a política de produção de ignorância do Estado político brasileiro (Albuquerque et al., 2020b). Um memoricídio que atingiu fortemente o povo Sateré-Mawé porque dizimou parcela da população de anciãos e anciãs do Andirá-Marau, enfraquecendo o volume de conhecimentos tradicionais de alto valor dentro dos clãs em geral.

O vírus, com alto grau de contágio, representou desde o primeiro trimestre de 2020 a maior ameaça aos indígenas da Amazônia Central (TI Andirá-Marau) desde a Guerra dos Cabanos (1835-1840), quando perto de 40 mil pessoas de diferentes e numerosas nações étnicas foram assassinadas ou gravemente feridas nas matanças regionais. Com o SARS-CoV-2, perigos que os Sateré-Mawé enfrentaram e ainda enfrentam têm sido maiores (Sawaia, Albuquerque & Busarello, 2020), como aponta nosso narrador em seu lugar de fala.

Josias, como pedagogo e biólogo, com formação nas duas graduações pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), além de ter concluído o mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas

(Ufam) e estudar doutorado em Educação pela Ufam, mostrou-se como um dos líderes da campanha de mitigação do vírus entre sua etnia, dominante na área do Baixo Amazonas/AM. Na dialogia proposta, verificamos que Josias revelou pontos primordiais acerca da vida no Andirá-Marau em meio ao espalhamento da doença e impulsionou atividades de combate à disseminação do coronavírus.

Foi preciso fazer com que a palavra indígena fosse escutada, ouvida, porque a missão de um Sateré-Mawé é essa e porque sou *ut*, filho do *kapi* geral João Sateré. Fui criado para lutar com meu clã e procuro estar pronto, atento, esperando pela chance de defender nossos direitos (Josias Sateré, entrevista, abril, 2020).

A situação melhorou, mas agora estamos com pouca comida e já faz alguns meses que vivemos de caça aqui dentro do Andirá-Marau. Principalmente quem mora mais acima do rio, nas cabeceiras, precisa caçar porque não temos mais como manter as viagens regulares para os polos de Parintins ou Nhamundá, para comprar ou vender alguns mantimentos, ou ainda trocar o que coletamos por carne (Josias Sateré, entrevista, outubro, 2020).

Interessa destacar que a abordagem sobre alimentação e caçadas também se encaminhou no âmbito da relação entre política e espiritualidade. Josias Sateré disse ter clareza de que o presidente da República do Brasil estava se esforçando para endossar desinformações e contrainformações, negando fatos inerentes às questões indígenas, principalmente porque não tem histórico de proximidade às causas dos povos pré-colombianos. Na luta de sua etnia contra a covid-19, foi ressaltada por Josias a necessidade de se combater a construção de achincalhamentos por parte do governo Bolsonaro contra os povos originários.

A higienização tem sustentado o pensamento dessa suposta nova política brasileira, que na verdade é igual à velha política do nosso país porque se mantém opressora, com cortes na saúde, na educação e feita de privatizações [...] o nosso Andirá-Marau já conheceu as consequências de outros vírus mortais no passado e essa história retorna agora com o nome de coronavírus. Nossos velhos conhecem essa realidade. Eles me contaram sobre ela (Josias Sateré, entrevista, março, 2020).

Quando a *Elf Aquitaine* [empresa mineradora estrangeira] quis entrar em nosso território nós fomos lutar na Justiça, fomos denunciar em Brasília. E conseguimos que ela não explorasse na década de 1980 nenhuma jazida do Andirá-Marau. Agora, estamos sozinhos, sem ajuda do governo. É muito pouco o que chega para nós. Praticamente nada (Josias Sateré, entrevista, novembro, 2020).

Foi assim que o membro do clã *ut* encaminhou parte dos nossos diálogos ao longo de 2020, lembrando da força de anciãos, anciãs e pajés contra a instalação da empresa *Elf-Aquitaine* quase 40 anos atrás. Ele assinalou que velhos e velhas têm sido responsáveis pela proteção do mundo desde o *nusokén*, terra mítica dos Sateré-Mawé, e que a quarentena pode ter sido o exato momento de reafirmar esforços e praticar o resguardo da alma e dos modos tradicionais, longe dos ataques da covid-19, como sublinhou ao especificar que, sem vacina, parentes de territórios dominiais da etnia precisaram recorrer ao *lockdown* territorial, que foi uma espécie de fechamento de acesso e descesso por rios, em pontos funcionais da TI, prevenindo a população.

Barreiras sanitárias foram criadas nos entroncamentos das águas do Andirá e Marau e a ação contou com a colaboração de Fundação Nacional do Índio (Funai), Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai) e Secretaria de Saúde do município de Barreirinha/AM, cujos marcos espaciais, em parte, integram a TI Andirá-Marau. A ação teve início em 13 de abril de 2020, na primeira onda de espalhamento da pandemia no Amazonas (Phillips & Maisonnave, 2020). As barreiras territoriais sanitárias, na prática, funcionaram como alternativa legal e viável de proteção e para se fazer valer a segurança dos Sateré-Mawé.

Esse tipo de ação mostrou a fragilidade das instituições indigenistas e governamentais do atual governo, além do mercado de vacinas, no processo de assistência social contra a pandemia. E isso aconteceu, mais uma vez eu digo, porque a velha política se mostrou ineficiente para enfrentar o vírus. Por isso, resolvemos agir lá atrás, antes de todo mundo (Josias Sateré, entrevista, novembro, 2020).

O que eu procuro chamar atenção, como membro do clã *ut*, é sobre a necessidade de se compreender que o povo Sateré-Mawé não está alheio aos problemas globais. Do contrário. Estamos atentos, lutando contra a desinformação. Por isso, agimos e inclusive criamos a Associação Kapi, das lideranças do clã *ut* (Josias Sateré, entrevista, julho, 2020).

De maneira objetiva e organizada, por parte dos Sateré-Mawé, a afirmativa de Josias mostra que fazer o isolamento social, manter a TI Andirá-Marau protegida e garantir, por meio das lideranças de clã, o enfrentamento contra a política de morte, exclusão e negação de direitos do governo federal, foram atos contínuos e valorosos no contexto do primeiro e do segundo espalhamento do vírus na TI. “A desinformação e o fundamentalismo religioso mataram também na pandemia. Porque só a higiene pessoal não foi suficiente. Era preciso sabedoria e respeito à ciência. O Estado deveria ter garantido políticas emergenciais que inibissem a propagação do vírus”, resumiu Josias, apontando que o povo Sateré-Mawé passou a exigir direitos de saúde coletiva já na terceira semana de março, após o primeiro caso da covid-19 no Amazonas, e depois seguiu assim, também na segunda onda (Josias Sateré, entrevista, março, 2021).

Como sublinhou a liderança, “[...] através dessa atitude [de cobrar direitos], já no começo do problema soubemos que só assim começaríamos a nos proteger e a proteger as comunidades em geral” (Josias Sateré, entrevista, maio, 2020). Aqui, ele deixou bastante claro que sua etnia sabia que o surto viral poderia ser um evento de grande natureza, um fato social planetário, e cabia aos indivíduos étnicos e ao coletivo indígena, como um todo, com ou sem apoio do Estado, prevenirem-se e minimizarem as consequências.

Ele lembrou que surtos epidêmicos, ao longo dos tempos, não têm sido eventos isolados ou únicos na história dos Sateré-Mawé. Desde épocas passadas, são conjunturas que afetam os nativos amazônicos e estes travam verdadeiras batalhas de vida ou morte, desde sempre, principalmente contra megaempresas e planos de exploração. “A questão não é apenas a pandemia em si, mas como meu povo tem se organizado para enfrentar e proteger a todos os parentes desde o começo”, explicou (Josias Sateré, entrevista, novembro, 2021).

Nesse ponto, é importante afirmar que a nação Sateré-Mawé e as etnias que hoje se interligam via redes de informação pelo Brasil — e aqui estamos falando de 90% de um total de quase 850 mil nativos —, têm ampla noção de que foi na virada de 2019 para 2020, na Ásia, na cidade de Wuhan/China, que a pandemia ganhou grandes proporções e depois se alastrou pelo mundo. A informação, a princípio, em meados de abril, já estava totalmente disseminada entre os povos originários do Baixo Amazonas/AM (ao contrário do que muitos negacionistas fizeram), por redes de informação e comunicação mediadas pelos próprios ameríndios.

Essas redes info-comunicacionais, reconhecidas e em funcionamento por todo o país, impulsionaram informações fidedignas já na primeira semana após o registro oficial do “Caso 1” brasileiro, ocorrido em 26 de fevereiro de 2020. Isso fez com que as tomadas de decisão dos indígenas pudessem ser similares em todo o país. Josias, sobre elas, explicou que no exemplo dos Sateré-Mawé, entre aldeados e urbanos, “por meio de redes sociais (facebook e instagram, principalmente), além de webrádios, rádios comunitárias e celulares (grupos de whatsapp), foi possível compartilhar o enorme e variado volume de dados sobre a incidência do vírus” (Josias Sateré, entrevista, novembro, 2020).

No Andirá-Marau, divisa com o Pará, em específico, a partir de rádios comunitárias locais, as populares “vozes”, foram transmitidas explicações sobre as noções de higiene e distanciamento. Dados que chegavam até líderes de clãs eram democratizados entre a etnia. Essa realidade comunicacional, segundo destaque de Josias, auxiliou de modo decisivo para que o sentido comum da quarentena fosse assimilado e efetivado. Pelas redes de informação e comunicação, a maior parte dos grupos familiares dos originários soube que o isolamento nas aldeias era a melhor alternativa (Oliveira & Albuquerque, 2020).

Com isso, conseguiu-se agir de forma organizada, em tempo hábil, a partir da quarta semana de março, por meio da tática de *lockdown* territorial, como salientamos. Ela foi efetivada por 25 etnias brasileiras em 13 Estados, além dos Sateré-

Mawé, é claro. A aderência ao sistema de confinamento nas TIs teve seu começo de funcionamento em junho/julho de 2020 e depois se manteve nos meses de 2021, enquanto o governo federal sequer conseguiu adotar uma base comum de informações sanitárias em seu suposto plano de contenção para a Amazônia e o Brasil como um todo, como destacou de modo preocupante Josias.

[...] e digo isso considerando toda a Amazônia brasileira. Particularmente o Estado do Amazonas, que já pode ter até mais de 50 mil casos de infecção de indígenas [incluindo-se subnotificações], mas não sabemos ao certo. O Brasil não tem testes suficientes, segundo o que se noticia. Essa doença trouxe a seguinte reflexão para mim: o quanto distante a Ásia e a Europa estão do resto do mundo, de nós, os Sateré-Mawé? Na verdade, estamos interligados, estamos mais perto do que imaginamos. O que acontece nos países de continentes longínquos, em termos geográficos, afeta a nós, sim, diretamente (Josias Sateré, entrevista, dezembro, 2020).

A gente não tem informação sobre teste na área do Andirá-Marau desde que começou a pandemia. Isso é certo. Se eu quiser testar alguém não dá [tipo PCR ou mesmo de antígeno]. Tudo fomos nós que conseguimos, que tivemos de lutar pra conseguir. Comida, transporte, rancho [cesta básica] (Josias Sateré, entrevista, setembro, 2021).

A população urbana e rural, e as comunidades indígenas brasileiras localizadas em TIs, precisavam ter acesso a boas informações para combater o vírus. Leite (2012, p. 160), por exemplo, argumenta a necessidade de que “não nos esqueçamos dos indígenas que desapareceram devido a pandemias, massacres e outros efeitos destrutivos do contato”. E aqui trazemos a questão da comunicação histórica para mediar esse ponto de vista. A partir de Leite (ID., op. cit.), temos Magalhães (2005), que sugere ser “necessária a atenção à saúde de forma diferenciada, levando-se em consideração especificidades culturais, epidemiológicas e operacionais dos povos indígenas” (p. 280). Nesse ponto, ressaltamos uma informação de saúde oriunda de Josias.

Instituições oficiais do governo, como o Ministério da Saúde, deveriam assumir a responsabilidade de divulgar informações corretas que ajudassem cidadãos a se protegerem. Informações sem o viés do extremismo negacionista. Mas houve e ainda há grande desorganização na comunicação oficial do governo, como foi apontado pelo líder Sateré-Mawé e debatido em outros canais de comunicação (Krüger, 2020; Iqciencia – Infovid#11, 2020). O Estado, assim, deixou o povo Sateré-Mawé à própria sorte e, por isso, foi fomentada a confusão e os discursos desorientadores quanto ao vírus. Isso não favorece a ninguém, segundo critica Josias, com base em estudos que destaca (Santos, 2020; Davis, 2020) e “principalmente quando o tema é a vacinação e o auxílio emergencial” (Josias Sateré, entrevista, maio, 2021).

Outra problemática abordada pelo líder clânico em nossos diálogos, em meio à pandemia, foi o fato dos Sateré-Mawé estarem situados dentro de um conjunto conceitual de pessoas marginalizadas e invisíveis, que vivenciam situações extremas de exclusão social e “inclusão perversa”, ou seja, inclusão desfarçada (Sawaia, 2001; Albuquerque & Busarello, 2018). Eles enfrentam as mesmas controvérsias da população mais pobre do país, que, diante da crise sanitária, deveria contar com melhor assistência do Estado e de maneira ininterrupta. Mas assim não se deu.

O que temos para nos defender são as nossas cosmologias e ancestralidades [...] Os povos indígenas são os mais imolados por causa do deus do mercado em tempos de pandemia. Permanecemos obrigados e submetidos às ordens dos patrões para alimentar nossas famílias, nos expondo ao risco de contaminação e da morte [...] Não posso falar em nome de todo o meu povo, até porque somos muitos e com opiniões variadas entre as lideranças, mas trago aqui informações sobre o que estamos debatendo e o que o *kapi* geral, meu pai João, está defendendo entre os *ut* (Josias Sateré, entrevista, abril, 2020).

O clã lagarta, principal linhagem Sateré-Mawé, junto com o clã *waraná* (guaraná), organizaram na pandemia a parte educacional, política e de economia doméstica da etnia, com uma visão compartilhada sobre modelos de segurança em saúde. Na crise sanitária, segundo afirmou Josias, a política tirou boa parcela de direitos de coletividade e negou voz às cosmologias

nativas ameríndias. Para ele, foi mais um desafio a ser enfrentado pelos movimentos indígenas, que estão a “superar e conquistar uma instituição de saúde que esteja de acordo com suas realidades” (Josias Sateré, entrevista, maio, 2021).

Em nosso bom encontro com Josias pareceu óbvio que, para os Sateré-Mawé, assim como a todos os ameríndios do bioma Amazônia, o governo não agiu no sentido de privilegiar nativos das terras brasileiras. Os indígenas têm ampla consciência disso e sabem que países os quais informaram e orientaram a população, privilegiando grupos vulneráveis, tiveram êxito na primeira e na segunda onda da pandemia (Mellan et al., 2020). E isso não aconteceu no Brasil. Portanto, cabem reflexões sobre a proteção das nações pré-colombianas em tempos de crise sócio-sanitária.

4.2 A relação com o coronavírus e a busca por proteção

Eu lembro dos meus parentes mais antigos. Eles contam uma história verdadeira, que ainda faz parte da memória dos *nag'nia* (velhos). Relembra um tempo difícil e triste, quando o sarampo contaminou muitas das aldeias. Esse vírus matou vários indígenas do Andirá-Marau/AM e nosso povo ficou com uma relação espiritual negativa contra a doença. Trago esse episódio porque ele deixou a importante experiência de que não se pode subestimar a ação das doenças consideradas mortais. Portanto, se defender do novo coronavírus deve ser o compromisso de todos: *tui'sas* (tuxauas), *kapi* (capitão), *kapa* (capataz), *puruwei'ria* (professores), *mana'in* (mulheres), *pai'nig* (pajés) e agentes indígenas de saúde (Josias Sateré, entrevista, março, 2021).

Na cultura Sateré-Mawé, quando um membro da etnia fica doente os *pai'nis* (pajés) relacionam sua enfermidade, homem ou mulher, a alguma transgressão das restrições de crença e comportamento ou à inobservância dos conselhos dos *nag'nia* (velhos). Então, a natureza se responsabiliza de castigar ou curar a pessoa infratora. Em casos extremos, pune o povo também como resposta à desobediência (Albuquerque & Junqueira, 2017). Quanto à covid-19, a doença exigiu das lideranças tanto uma atuação mais de interlocução com o Estado quanto de diálogo com a sua própria metafísica ancestral, o que não foi exatamente um problema nas aldeias, mas houve algumas controvérsias incidentes em todo um sistema cosmológico e de histórias de vida.

As controvérsias, como ressaltamos, dizem respeito ao entrecruzamento de histórias sociais. Por um lado, temos uma sociedade branca, ocidentalizada e que se pauta em larga escala a partir do modelo capitalista de compreensão de mundo e de enfrentamento de problemas, entre os quais a pandemia. De outro, está uma sociedade ancestral, de base clânica, desenvolvida prioritariamente ao longo de eras imemoriais e em razão de parentescos totêmicos. Fica claro que há enorme diferença de entendimento de vida e isso implicou no enfrentamento ao vírus.

Assim, é lúcido afirmar que lideranças Sateré-Mawé precisaram de informações corretas, como salientou Josias, para construir estratégias e gerar atos de mitigação coletiva contra a covid-19. Para elas, além do essencial fortalecimento do princípio da coletividade étnica e da estrutura cosmológica, pareceu primordial respeitar a história e a ancestralidade da etnia, conforme explicou Josias. “A pandemia está além do nosso processo de prática de cultura, tanto porque gerou adoecimento global e isso significa que requer medidas de prevenção também globais para nós” (Josias Sateré, entrevista, janeiro, 2021).

No Brasil, o primeiro caso foi registrado em 26 de fevereiro de 2020 e, 60 dias depois, mais de 360 mil pessoas tinham adoecido e além de 10 mil morrido. Dia 13 de abril de 2020 aconteceu a morte da primeira liderança anciã Sateré-Mawé, de 67 anos, originária do Rio Marau, por covid-19. Assim sendo, os Sateré-Mawé bloquearam sua terra indígena. Com o trânsito de pessoas e embarcações paralisado, ou melhor, extremamente diminuído por determinação dos povos do Andirá-Marau, e só depois por decisão oficial do governo, atividades na TI tiveram de ser modificadas, como explanou Josias.

Em janeiro de 2021 já eram 12 respeitados anciãos mortos (Albuquerque et al, 2020b), além de outros 23 óbitos de lideranças, oficiais e extra-oficiais, sendo a falta de testagem para covid-19 um sério problema. Em outubro de 2021, eram 16 anciãos e outros 39 óbitos de líderes clânicos. Além do mais, os velhos que viajavam regularmente das aldeias à cidade, e vice-versa, sentiram fortemente o impacto da primeira e da segunda onda de casos de covid-19 na Amazônia e foram mais

atingidos, em suas diversas atividades co-extensivas às aldeias: aposentados, pensionistas, beneficiários do Bolsa Família e de seguros emergenciais, além de funcionários públicos, professores e agentes de saúde, pequenos comerciantes, pescadores, erveiros, rezadeiras e benzedeiros Sateré-Mawé.

O primeiro confinamento foi de março a maio de 2020 e o segundo no último bimestre de 2020 até fevereiro de 2021, quando o Amazonas novamente ficou em estado de alta restrição de circulação (alerta roxo), com comércios, estradas, rios, fábricas e escolas fechados. Todos os clãs Sateré-Mawé foram afetados com os efeitos deletérios da pandemia, sendo eles: *ut* (lagarta de fogo), *waraná* (guaraná), *awy'ato* (onça), *hywi* (gavião/harpia/águia), *akuri* (cutia), *urit'i* (inambu), *wi'in* (mosca), *monuruku* (mundurucu), *gap/nhap* (caba), *meiru* (mosca), *myrehu* (rolinha), *sahú* (tatu), *awyky/awkuy* (guariba), *wasa'i* (açai), *mujum* (mutum), *yavu* (cujubi), *haki'i* (morcego), *hapiri wato* ou *pyre'k* (rato grande), *hunanën* (mucura) e *mo'i* (cobra).

Descrevendo os clãs, fica óbvio que estamos falando de uma multiplicidade de famílias dentro de uma grande nação, a dos filhos do guaraná.

O grupo étnico Sateré-Mawé não é homogêneo, igual, unido em uma única família. Jamais poderia sê-lo. A sua formação inclui diferentes *ywanias*, o que amplia demandas quando se indica a diversidade na unidade. São conectados pelo sentimento de pertença e incorporam visões de mundo como traços distintos e trajetórias históricas compartilhadas, mas não únicas, de riqueza favorável à reinvenção. A forma comum de fazer aliança, historicamente, dá-se via uniões entre primos cruzados (união dravidiana), sendo proibida e rara a união entre membros diretos do clã. O parentesco dravidiano, por regra, aponta que uma jovem deve se casar com o filho da irmã do pai ou com o filho do irmão da mãe, e um rapaz deve se casar com a filha da irmã do pai ou a filha do irmão da mãe. O povo do Andirá Marau, assim, foi formado por clãs diversos e casamentos entre primos e primas de diferentes linhagens (Sateré, Albuquerque & Junqueira, 2020, p. 129).

Notamos, portanto, inúmeras singularidades diante da questão, as quais certamente tiveram de ser consideradas por nós, no âmbito da pandemia, ao fim de 2021. Sobre isso, Josias disse que famílias confinadas nas terras dos Sateré-Mawé, em sua multidiversidade clânica, também não puderam receber o auxílio emergencial do governo federal em nenhum momento, ainda que preenchessem todos os requisitos básicos. Famílias indígenas com residência nas cidades igualmente não foram liberadas para retornar às aldeias e aquelas que moravam nas aldeias não conseguiram se deslocar às cidades para vender produtos, ser atendidas em postos de saúde ou mesmo comprar mercadorias.

Na segunda onda, nem se falou em auxílio emergencial, o que piorou a situação do povo do Andirá-Marau. Foi um tempo de morte e alta contaminação. Os meses de janeiro, fevereiro e março de 2021, quando surgiu a variante *gamma* em Manaus, mostraram que a contenção do SARS-CoV-2 só poderia ser efetivada a partir de vacinação. De todas as formas, fossem aldeados do Baixo Amazonas/AM ou mesmo moradores de polos urbanos/cidades, ou ainda aqueles que se situam nas cabeceiras de rios, foi fato que, para muita gente, com saberes sobre cultivo de solo, produção de farinha, roçado, coleta de frutos e criação de aves, como galinha de terreiro e picota, além de caça, a vida se tornou angustiante.

Na atualidade, caçadores, pescadores e agricultores têm sido responsáveis por promover a alimentação em suas aldeias nas respectivas comunidades indígenas do Andirá-Marau. Essas pessoas poderiam ter melhor assistência do governo em algum nível. Isso significa que, mesmo sob cuidados, apesar de enfrentarem de modo significativo o espectro do vírus, podemos descrever a continuidade da biopolítica da morte na Amazônia (Junqueira & Albuquerque, 2020).

De certa maneira, houve somente um bom efeito desse período de pandemia para a espiritualidade socioambiental dos Sateré-Mawé. Como descreveu Josias, por muitas semanas em março, abril e maio de 2020, além de novembro e dezembro de 2020 e janeiro e fevereiro de 2021, barcos de recreio não despejaram lixo em grande quantidade nas águas do Rio Andirá. Nesse tempo, não se viu o descarte de sacolas plásticas, garrafas pet, latas de refrigerante, pedaços de caixa de isopor, óleo de motor e nem a dispersão de concentrações volumosas de dióxido de carbono pela queima de combustível fóssil.

Comunitários, escola e posto de saúde reduziram a produção de resíduos, principalmente plástico e alumínio, matéria básica para acondicionados e latinhas de refrigerante ou suco. Essa produção problemática, interessa frisar, cotidianamente contribui para a concentração de dejetos a céu aberto nas comunidades indígenas, concorrendo para doenças e outros males se espalharem em áreas de difícil acesso do Andirá-Marau, como é o caso das cabeceiras do Andirá (pontos altos da TI).

Como sublinhou Josias, na relação dos Sateré-Mawé com o universo branco durante os picos da covid-19 foi complexificada a troca de favores e apoio, incluindo até casamentos intersociais em busca de agregação por força política, afora o parentesco dravidiano e a afinidade cruzada (Sateré, Albuquerque & Junqueira, 2020). Significa dizer que tudo aquilo que se estruturava em termos ancestrais e sob bases imemórias, no seio da premissa da patrilinearidade e da uxorilocalidade Sateré-Mawé, acabou sendo no limite reconformado.

Os últimos dois anos mostraram que a composição das natividades da etnia dominante do Baixo Amazonas/AM foi alterada em função da disseminação do SARS-CoV-2. Investigação preliminar realizada por nós, inclusive, versou sobre essa conjuntura, tendo sido publicada no fim da primeira onda de covid-19 no Amazonas e destacou o que segue:

O ato de isolamento da nação Sateré-Mawé mostrou que a etnia não agiu em solidariedade por egoísmo ou por ter como guia uma razão instrumental, mas sim porque se conduziu a partir de uma estrutura hierárquica clânica uniforme, que alimentou sua esperança. E cabe agora, à luz de reflexões sobre a trama dos afetos na vivência dos paradoxos do isolamento, perguntar pelas emergências humanas que a pandemia expôs, entendendo emergências humanas como necessidades ético-políticas (Sawaia, Albuquerque & Busarello, 2020, p. 12).

Nosso levantamento apontou que conjuntos de trocas comunicacionais realizadas a partir de novos diálogos com o universo dos brancos na pandemia se deram na medida da disseminação do vírus entre os Sateré-Mawé. Por isso, mesmo em isolamento total ou parcial, a etnia realizou uma ação que não deve ser vista como ato de “solidariedade egoísta”, mas sim como pressuposição dentro de uma conjuntura ancestralmente reconhecida e pensada na prática em face de desafios contingenciais.

Na sequência, trazemos narrativas fundamentais de Josias Sateré, nosso interlocutor, as quais foram sublinhadas por nós nos dois picos do espalhamento da covid-19 no Amazonas (Sawaia et al., 2020). A presente interpretação que fizemos desses dados foi possível mediante intercâmbio de informações que o líder clânico nos facultou no fim de 2020 e no primeiro trimestre de 2021. Explanamos a citação porque cabe indicar o quanto a “solidariedade egoísta”, no bojo da comunicação *versus* isolamento, tem suas essencialidades.

O isolamento social é uma ação coerente e benéfica ao coletivo, mas apenas isolar a população não é o suficiente. Devem existir alternativas viáveis de escoação para a produção indígena e que possibilitem ao parentes a compra de mercadorias básicas para o consumo diário, pois quem tem fome tem pressa [...] A união se faz necessária e a política partidária não deve interferir no trabalho coletivo. Não se pode impedir a colaboração de partidos da direita e da esquerda. Essa unanimidade é para exigir e cobrar o direito do cidadão diante do Estado e do neoliberalismo, que devem apresentar a contento uma solução viável ao caos (Sateré, 2020, p. 44).

4.3 Políticas públicas integrando saberes locais

O isolamento social do povo Sateré-Mawé em verdade foi quebrado há mais de 350 anos, com a colonização da Amazônia profunda. Mas retornou agora, indiretamente, com a pandemia do coronavírus. Esse é um pensamento postulado entre clãs indígenas do Andirá-Marau, segundo Josias. E tem razão de ser. Santos (2020), acerca da conjuntura, também se mostra insatisfeito e sugere que a humanidade “só superará a quarentena do capitalismo quando for capaz de imaginar o planeta como uma comum e a natureza como mãe originária, a quem devemos amor e respeito” (p. 32).

Paiva et al. (2019), sobre a questão, explicam que a política neoliberal reverberou historicamente, no bioma, o pensamento do colonizador, sendo apoiada em um conhecimento mediado pela força. Pessimismos à parte, hoje, diferente do

tempo dos *nag'nyas*, os Sateré-Mawé enxergaram na pandemia também uma oportunidade de proteger famílias e comunidades do Andirá-Marau com autonomia. Eles observaram orientações e recomendações da OMS para além das que dispôs o Estado brasileiro. Ou seja, miraram em diretrizes supranacionais para encontrar alternativas e minar o vírus da velha política de exploração do povo brasileiro.

A nosso ver, falamos aqui de uma política ancorada no mundo espiritual judaico-cristão, que é uma dada ordem antropológico-jurídica violenta e segregadora, a nomear a Amazônia como pobre, bestializada, improdutiva e idílica. Essa velha política é fruto de um sistema explorador que aumentou a desigualdade social e no presente voltou a assombrar a todos. Para os Sateré-Mawé, iniciativas para eliminar o preconceito não raro esbarraram no método integracionista gerador de conflitos permanentes com culturas e sistemas tradicionais de saúde, de educação e sustentação econômica (Albuquerque & Junqueira, 2017).

Portanto, compreender em larga medida que práticas ancestrais e espirituais não são ingênuas e ainda contribuem na defesa da tradição, principalmente no presente, foi caminho para a inclusão de saberes originários em políticas públicas contra a covid-19. Foram reivindicações que o próprio movimento indígena pautou nos espaços de discussão e construção social, de interesse coletivo, ao longo da pandemia.

Outra questão é que, segundo Josias, povos das terras baixas da América do Sul, especificando-se evidentemente os Sateré-Mawé da TI Andirá-Marau, têm vivido isolamentos e distanciamentos de modos diferentes. São os que mais precisam de assistência e engrossaram a luta por melhorias, defendendo direitos e buscando atendimento médico, hospitalar, de segurança e higienização. A partir disso, encontros vivenciados entre nós, não indígenas, e Josias, liderança Sateré-Mawé, foram compreendidos como bons encontros porque provocaram afetos de confiança mútua e segurança entre os corpos envolvidos, dando-nos potência para difundir essa comunicação vivenciada.

De modo que, mesmo no contexto da pandemia e do isolamento da etnia, os encontros produziram sentimentos positivos diante da crise sanitária porque, a partir deles, conseguimos descrever autênticos benefícios que uma coletividade organizada nativa amazônica pode conseguir. E a potência do comum foi somada a mais *conatus* individual (Sawaia, 2001). O artigo, assim, apontou a importância dos diálogos intermundos como potência do comum diante do contexto da covid-19.

Mais uma vez, vimos que a natureza chegou com sua força e impactou os povos originários. Mas o combate ao novo coronavírus se deu, tal qual afirmou Josias, tanto quanto a luta contra a desinformação. A problemática da crise sanitária exigiu plano protetivo, de assistência social, com informações que derivassem de processos orientados pelas ciências tradicional e acadêmica e, no caso dos povos indígenas, convalidados por lideranças com saberes tradicionais de alto valor.

A percepção spinozana de encontro, então, foi proposta e pareceu interessante para se analisar a potência dos diálogos intermundos, visto que não se tratava somente de uma comunicação ou de uma fala isolada, mas do envolvimento de pessoas e do bom encontro. Foi com a lente de Spinoza que pudemos ver a potência da união dos corpos e da formação do comum diante de um cenário de pandemia, onde o isolamento foi um dos remédios. Os encontros, mesmo que virtuais, garantiram a expansão da potência para se perseverar na existência e na formação do comum contra a inclusão perversa (Sawaia, 2001).

Aqui residiu a contribuição de Spinoza para a percepção da comunicação entre brancos e indígenas, pois acreditamos ter atingido tanto o corpo quanto a mente nas afetações. Os diálogos intermundos, nesse sentido, constituíram-se como memórias de vivências ancestrais e cosmovisões sobre a natividade Sateré-Mawé porque incidiram sobre histórias e saberes, em âmbito de confiança mútua. Tal foi o elo necessário, na pandemia, para gerar a dialogia comunicacional descrita.

Percebemos ter sido uma situação delicada, diferente, essa comunicação. Até mesmo porque nossos assuntos eram os mesmos tratados por conselheiros e anciãos das oito entidades deliberativas dos Sateré-Mawé. Sendo elas: i) Associação dos Agentes de Saúde Indígena Sateré-Mawé dos Rios Andirá e Uaicurapá, ii) Associação Indígena Sateré-Mawé da Aldeia Vila Nova do Rio Andirá, iii) Associação Indígena Vila Nova, Conselho Geral da Tribo Sateré-Mawé, iv) Consórcio dos Produtores

Sateré-Mawé, v) Organização dos Agentes de Saúde Sateré-Mawé dos rios Marau e Urupadi, vi) Organização dos Professores Indígenas Sateré-Mawé dos Rios Andirá e Waikurapá, vii) Organização dos Professores Indígenas Sateré-Mawé dos Rios Marau e Urupadi e viii) Organização dos Tuisas Sateré-Mawé dos Rios Marau e Urupadi.

Consideramos, em suma, que o trabalho agregou o fator da representatividade indígena Sateré-Mawé/AM, sendo este essencial para a manutenção da vida no Andirá-Marau. E destacamos uma primordial narrativa de Josias Sateré, que resumiu com sabedoria a relação entre Estado e povos indígenas na contemporaneidade pandêmica para as entidades deliberativas em foco.

É necessário aprender com a crítica. As autoridades que afirmam serem constituídas por Deus (políticos diversos) devem compreender que é importante assumir pontos estratégicos em defesa de seus cidadãos e nunca esquecer de que o poder emana do povo e este o exerce por meio do voto. Ao tentar inverter essa posição, as autoridades podem ficar isoladas. Dessa maneira, nós, que somos donos do imenso e bonito Andirá-Marau, na Amazônia Central, que estamos aqui desde muito antes de 1500, continuaremos a mostrar que os povos indígenas estão a lutar não apenas pela garantia dos seus direitos, mas também pela sua efetivação (Sateré, 2020, p. 44).

Josias deixou patente que a comunicação dialógica realizada durante a pandemia não foi um modelo fechado, academicista, entre grupos de pertencimento, mas sim estendeu-se no contexto dos nativos e com o Estado brasileiro. Ademais, considerando o conceito spinozano de “bons encontros”, a dialogia comunicacional tendeu a ser estratégia relacional dos Sateré-Mawé no decurso da comunicação com o universo urbano, como demais etnias já realizaram em outras oportunidades (Oliveira & Batista, 2021), sobretudo quando pensamos na violência que o vírus impôs a povos das terras baixas da América do Sul (Sawaia et al., 2020).

O útil comum formado por nós, do universo da ciência ocidental, junto ao líder clânico Josias, também tendeu a se configurar como enfrentamento a dores vividas. A comunicação entre os corpos foi potencializadora para o enfrentamento da peste, tornando-se um útil-comum no contexto da pandemia. Se o distanciamento social era o único remédio preventivo para a covid-19 — e distanciamento não quer dizer ausência de encontros ou solidão — então a formação do comum também representou um modo potente ante o genocídio dos povos indígenas. A união dos corpos, das mentes, ainda que via comunicação remota, expandiu saberes e construiu estratégias possíveis para a defesa dos Sateré-Mawé, sendo um remédio ao vírus do individualismo promovido pelo capital (Deleuze, 2002; Sawaia et al., 2020).

5. Conclusão

Imagina o estrago que o vírus pode fazer na nossa comunidade indígena, onde existe apenas a caricatura de postos de saúde e onde falta tudo? Os profissionais de saúde indígena, já nos dias comuns, enfrentam dificuldades para atender a enfermos Sateré-Mawé. Todos fazem milagres com os remédios e materiais disponíveis, sendo os casos de alta complexidade removidos a centros urbanos que abrigam hospitais de referência. No cenário do coronavírus, o problema se agrava. Além disso, a desinformação também pode matar mais que o próprio vírus. O medo de morrer se espalha e quem fica com medo não sabe o que fazer. Por isso, medidas paliativas, por mais bem-intencionadas e benéficas que sejam, devem vir acompanhadas de resoluções do problema. Caso contrário, as infecções vão se manter (Sateré, 2020, p. 44).

O diálogo em evidência de citação foi coletado durante a primeira onda do vírus no Amazonas e já se notava nele o teor contundente de compreensão do problema por parte dos Sateré-Mawé. Josias assinalou as palavras em uma publicação por nós organizada. E, na época, talvez não soubéssemos com noção clara o quanto escritos e informações do líder clânico seriam importantes para a documentação da comunicação da etnia. Mas com o alastramento da pandemia, temos por certo que as notas comunicativas que Josias Sateré legou a todos, a partir de uma interlocução dialógica, enquanto informante e interpretador junto a seu povo, são documentos históricos a serem acessados e analisados em profundidade.

Importante destacar que o estudo fez parte de um conjunto de movimentações acadêmicas para se dar evidência ao sofrimento ético-político dos Sateré-Mawé da Terra Indígena Andirá-Marau, ampliado a partir da alta disseminação da covid-19. E para nós as palavras do líder educacional de linhagem clânica *ut soam* hoje como resposta e ao mesmo tempo crítica ao Estado e ao mercado no Brasil, que na busca por vacinas estão a dever a povos indígenas de todo o território. São os mesmos Estado e mercado que, na procura por soluções milagrosas, fazem-nos atingir mais de 615 mil mortes ao fim de 2021. Soam ainda, as palavras de Josias, como crítica à sociedade política brasileira, que desorganizada e imersa em disputas partidárias, tem deixado de mitigar o SARS-CoV-2 e provocado um memoricício contra o povo do Andirá-Marau.

Por fim, é interessante destacar que, no futuro, novos estudos sobre a continuidade do enfrentamento dos Sateré-Mawé à pandemia, principalmente no que concerne à variante *ômicron*, são importantes de serem descritos, tendo em vista se perceber em que medida essa linhagem mais transmissível do SARS-CoV-2 irá se comportar entre essa sociedade ameríndia, com suas peculiaridades. Também é importante verificar impactos do espalhamento da covid-19 no Andirá-Marau em função da variante *ômicron* para que se investigue o memoricício de velhos narradores e contadores da etnia.

Referências

- Albuquerque, R., Vasconcelos, F., & F. Busarello, F. R. (2021). De l'oralité au récit: le cas du livre sacré des indigènes Sateré-Mawé, en Amazonie. *InTexto*, 1, 109699.
- Albuquerque, R. (2020). Indígenas Sateré-Mawé/AM e Hixkaryana/AM em sofrimento mental e ético-político. *Revista Internacional Interdisciplinar InterThesis*, 17, 01-17, <https://doi.org/10.5007/1807-1384.2020.e70094>.
- Albuquerque, R., Sawaia, B. B., Busarello, F. R. & Purin, G. (2020b). A comunicação estratégica e histórica dos Sateré-Mawé/AM no enfrentamento à covid-19 na Amazônia Central. *Comunicação & Inovação (ONLINE)*, 21, 99-115.
- Albuquerque, R. & Busarello, F. R. (2019). Sofrimento ético-político de indígenas Sateré-Mawé e Hixkaryana que migram de suas aldeias. *Psicologia em Revista*, 25(2), 838-856, ago.
- Albuquerque, R., Leão, J., Steinmetz, W. & Orellana, J. (2020a). *Os desaparecidos da COVID-19 - Quarentenas Amazônicas*. 6 Alexa Cultural: Embu das Artes/SP, EDUA: Manaus/AM.
- Albuquerque, R. & Junqueira, C. (2017). *Brincando de Onça e de Cutia entre os Sateré-Mawé*. Editora da Universidade Federal do Amazonas, 272 p.
- Albuquerque, R. & Busarello, F. R. (2018). Povos originários e “o comum”: reflexões acerca do sofrimento ético-político de indígenas Sateré-Mawé/AM e Hixkaryana/AM. In: Sawaia, B., Albuquerque, R. & Busarello, F. R. *Afeto & comum: reflexões sobre a práxis psicossocial*. Alexa Cultural: São Paulo.
- Davis, M. (2020). A crise do coronavírus é um monstro alimentado pelo capitalismo. In: DAVIS, Mike et al. *Coronavírus e a luta de classe*. Brasil: Terra sem Amos.
- Deleuze, G. (2002). *Espinosa: filosofia prática*. Escuta.
- Iqciência, I. (2020). Podemos mudar o controle da pandemia? *IQCiência – Youtube*. Programa#11. <https://www.youtube.com/watch?v=VdCHS8Z6IRU&t=917s>.
- Junqueira, C. & Albuquerque, R. (2020). A política de produção de ignorância de Bolsonaro é o maior vetor da covid-19. In Sawaia, B., Busarello, F. R., Berezoschi, J. & Albuquerque, R. *Boletim - vol. 6*. <https://ufam.academia.edu/RenanAlbuquerque>. *Expressões da Pandemia – Fase 2*.
- Kopenawa, D. (1992). O projeto de saúde Demini: Mensagem para Bruce Albert gravada por Lucimara Montejane. *Boletim Urihi*, ccopy, n. 16.
- Kopenawa, D. & Albert, B. (2015). *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. Prefácio de Eduardo Viveiros de Castro. Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2015). *Encontros*. Azougue, v. 1.
- Krüger, A. (2020). Bolsonaro é alvo de nova queixa no Tribunal Penal Internacional por atuação frente à pandemia do coronavírus. *Portal G1*. Acesso <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/07/26/bolsonaro-e-alvo-de-nova-queixa-no-tribunal-penal-internacional-por-atuacao-frente-a-pandemia-do-coronavirus.ghtml>. (2020, 27 de julho).
- Leite, M. S. (2012). Nutrição e alimentação em saúde indígena: notas sobre a importância e a situação atual. In: Garnelo, L. & Pontes, A. L. *Saúde Indígena: uma introdução ao tema*. Brasília: Ministério da Educação/Unesco.
- Magalhães, E. D. (2005). *Legislação Indigenista Brasileira e Normas Correlatas*. FUNAI/CGDOC.
- Mellan, T., Hoeltgebaum, H., Mishra, S. et al. (2020). Estimating COVID-19 cases and reproduction number in Brazil. *Imperial College London*. <https://doi.org/10.25561/78872>.

- Oliveira, G. I. & Albuquerque, R. (2020). Indígenas e quilombolas em lockdown territorial para mitigar avanço do SARS-CoV-2. In ALBUQUERQUE, Renan e FERREIRA, Gerson. *Quarentenas Amazônicas - Volume 1*. Alexa Cultural: Embu das Artes/SP, EDUA: Manaus/AM.
- Oliveira, C. M. de & Batista, M. C. (2021). A relação da literatura com a astronomia a partir da análise de uma imagem do conto “O nosso sistema solar” de Monteiro Lobato. *Research, Society and Development*, 10(16), e60101623150, 10.33448/rsd-v10i16.23150. <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/23150>.
- Paiva, E., Junqueira, C., Albuquerque, R. & Ferreira, G. A. (2019). O tacape do diabo e outros instrumentais da predação. Alexa Cultural: EDUA: Manaus.
- Phillips, T. & Maisonnave, F. (2020). Utter disaster: Manaus fills mass graves as Covid-19 hits the Amazon. *The Guardian*.
- Santos, B. de S. (2020). *A cruel pedagogia do vírus*. Editora Almedina. Abril.
- Sateré, J., Albuquerque, R. & Junqueira, C. (2020). *Kapi: uma liderança clânica e afim*. Ed: Alexa Cultural - Embu das Artes/SP e EDUA - Manaus/AM.
- Sateré, J. (2020). Abril Indígena no combate ao vírus: uma leitura Sateré-Mawé (clã sateré/ut) e sua resistência Tupi. In Sawaia, B., Albuquerque, R., Busarello, F. R. & Berezoschi, J. (Orgs.). *Expressões da Pandemia – Fase 1*. Ed: Alexa Cultural.
- Sawaia, B. B. (2001). *As Artimanhas da Exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social*.: Vozes.
- Sawaia, B. B. (2009). Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformaçãosocial. In: *Psicologia & Sociedade*, 21 (3): 364-372.
- Sawaia, B., Albuquerque, R. & Busarello, F. R. (2018). *Afeto & comum: reflexões sobre a práxis psicossocial*. Ed: Alexa Cultural.
- Sawaia, B., Albuquerque, R. & Busarello, F. R. (2020). O paradoxo do isolamento na pandemia segundo o povo indígena Sateré-Mawé/AM. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, 32, e020010. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822020000100409&lng=en&nrm=iso>. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32240300>.
- Sawaia, B. B., Albuquerque, R., Busarello, F. R. & Purin, G. T. (2020). Afeto & Violência: lugares de servidão e resistência. Ed: São Paulo, Alexa Cultural, Amazonas, EDUA.
- Spinoza, B. (2013). *Ética*. (2a ed.), Autêntica Editora.
- Williams, S., Armitage, C., Tampe, T. & Dienes, K. (2020). Public perceptions and experiences of social distancing and social isolation during the COVID-19 pandemic: A UK-based focus group study. *MedRxiv Preprint*, <https://doi.org/10.1101/2020.04.10.20061267>.